

O desafio aos bons

Uma crise poderia desencadear, para os especialistas, o pior dos seres humanos. Por que não, do contrário, se possa ver o desabrochar do melhor das individualidades? Não só nas crises, mas nas rotinas existenciais?



Marcelo Henrique Pereira*

professormarcelohenriquemh@gmail.com

Resumo

A vida humana e terrena contempla a ocorrência histórica de acontecimentos que provocam surpresa, espanto e exigem ações imediatas. Nos eventos violentos, catastróficos ou revolucionários, qual seria o comportamento natural e usual dos encarnados? Será que tais situações podem evidenciar o *status* de compromisso e interesse coletivo dos Espíritos que habitam o orbe? Qual a conduta

dos bons Espíritos? E nos demais dias da existência, independentemente da ocorrência de tais eventos, será possível verificar, na vivência nossa de cada dia, o aproveitamento das oportunidades de fazer desabrochar o melhor de nossas individualidades?

Palavras-chave

Progresso; oportunidades; bons Espíritos; essência espiritual; solidariedade e fraternidade.



No curso normal dos acontecimentos, na rotina trivial da vida – mesmo com, aqui ou ali, algum contratempo ou diante de acontecimentos que provoquem surpresa, espanto e ações imediatas – os indivíduos costumam “levar a vida” adiante. Seguem, pois, suas lidas em busca da satisfação das necessidades imediatas, inerentes ao próprio viver orgânico, existencial. ➔

Todavia, nos momentos mais agudos, diante de situações totalmente fora de controle, geralmente associadas a eventos violentos, catástrofes, revoluções ou similares, a inexorável marcha de progresso evidenciou o quanto a espécie humana aprendeu com suas próprias experiências, individuais e coletivas – algo que nós, espíritas, entendemos e conceituamos como a memória espiritual.

Gustave Le Bon (1841–1931) foi um dos mais influentes pesquisadores de sua época, um polímata que detinha conhecimentos em Antropologia, Psicologia, Sociologia, Medicina e Física. Ele escreveu *Psicologia das multidões*, obra que foi lida, por exemplo, por Hitler, Churchill, Roosevelt, Mussolini e Stalin. Em sua obra, ele enquadra a reação das pessoas diante de crises: “o homem desce vários degraus da escada da civilização” (*The Crowd: a study of the popular mind*, 1896).

Entendia o cientista que diante de situações transindividuais ou sociais caracterizadas por violência e/ou pânico, se podia conhecer a verdadeira natureza dos indivíduos. Em outras palavras, nestas ocorrências, os maiores defeitos humanos ficariam evidentes e o individualismo e o egoísmo se tornariam marcas “naturais” das pessoas em geral.

A teoria em questão levou muitos especialistas, em geral, a afirmarem que se fossem removidos os elementos fundamentais da vida social organizada e civilizada (como água potável, alimento, abrigo e condições mínimas de segurança), os homens se comportariam como no estado hobbesiano, o da natureza, da guerra de todos contra todos.

Os escritos de Le Bon, assim, levaram a uma crença generalizada que se evidenciou durante os horrores da Segunda Guerra Mundial (1939–1945), motivando, inclusive, os principais líderes das nações em conflito a programarem ataques e bombardeios a lugares civis, como bairros populosos das principais capitais europeias. A intenção clara e flagrante era a desestabilização de grandes núcleos populacionais que poderiam representar, na prática, pressões para que as autoridades assinassem armistícios e cedessem ante o ímpeto de dominação dos agressores.

O que se viu, no entanto, foi o reflexo oposto. Tanto em Londres quanto em Dresden, por exemplo, diante do quadro de destruição de edifícios, fábricas, lojas, escolas, hospitais e outros ambientes, bem como das perdas de entes queridos e das lesões corporais graves nos sobreviventes, um elemento se

sobressaiu em povos de culturas tão diferentes.

Num quadro dantesco e diante de meses seguidos de bombardeios sem fim, o que se esperava das pessoas? Uma histeria generalizada? Fugas, abandonando tudo e todos? Atitudes irracionais? Um pandemônio? De que modo os indivíduos reagiram? Como a mídia em geral registra as situações que se seguem às catástrofes ou guerras? Será que a visão expressa nos veículos midiáticos não seria, quase sempre, o oposto do que efetivamente está ocorrendo? Não há preocupação em amplificar situações esparsas ou isoladas?

O escritor Rutger Bregman traz relatos importantes, baseados na observação de médicos que atuaram nas forças de cuidado e paz, hoje conhecidas como “Cruz Vermelha” ou “Médicos Sem Fronteiras”. Ele descreve, a partir desses depoimentos, que os britânicos encaravam as circunstâncias como se estivessem diante de um trem atrasado: irritados, sem sombra de dúvida, mas tolerantes, à espera da chegada do transporte. E o tradicional humor irônico dos ingleses ainda se via em cartazes colocados em lojas, diante dos destroços derivados da guerra: “Mesmo sem as janelas, nossas bebidas continuam ótimas”;

ou “Permanecemos abertos, mais que o normal”.

E foram, estimativamente, entre setembro de 1940 e junho de 1941, “mais de 80 mil bombas” e acima de “40 mil mortos” em todo o Reino Unido e “um milhão de prédios destruídos” na capital britânica (Bregman, 2021:12).

Havia uma vontade irresistível de continuar lutando. Uma quintessência espiritual de encontrar motivação íntima para a sequência dos dias.

Consumidores continuavam indo às compras, crianças seguiam brincando nas calçadas, policiais controlavam o tráfego urbano, ciclistas continuavam em suas bicicletas, nos deslocamentos casa-trabalho-escola...

De comum em todos os relatos, a serenidade, mesmo diante da perspectiva de novos bombardeios. Havia até tempo para uma piada, no programa de notícias da rádio local, no momento da previsão do tempo: “Choveram bombas na noite passada”.

Não havia a (prevista) devastação mental e psíquica prevista na obra de Le Bon. Pelas estatísticas disponíveis, o alcoolismo diminuiu, os locais de internações psiquiátricas seguiam vazios e o quantitativo de suicídios, em relação aos “dias de paz” foi bem menor.

As teorias lebonianas de que a crise desencadearia o pior dos seres humanos foram estraçalhadas, porque ao contrário se via o desabrochar do melhor das individualidades.

Bom humor, coragem, tenacidade, fraternidade, solidariedade, bondade, compromisso coletivo foram as atitudes reconhecidamente vistas e documentadas por jornalistas e veículos de imprensa, profissionais de saúde e observadores internacionais. E isso era para muitos deles surpreendente!

Havia, ainda, uma crença entre as autoridades britânicas, a de que, no contra-ataque, os cidadãos alemães não reagiriam da mesma maneira, porque nenhum outro povo, diziam, possuía os níveis de equilíbrio mental e resistência dos ingleses. Ledo engano. Tanto que uma equipe de psiquiatras que esteve em locais germânicos devastados pelos bombardeios, concluiu: nenhuma evidência de abatimentos morais. Atitudes firmes, contidas e um sentimento de afeto direcionado ao auxílio às vítimas, fortalecendo-se mutuamente. Até se viu em um cartaz, numa mercearia: “Temos manteiga derretida para venda”.

Em terras inglesas e alemãs, uma constatação de cientistas americanos: depois dos bombardeios, a produção

aumentou mais do que nas cidades ilesas e a economia seguia aquecida.

Le Bon havia falado de um “verniz civilizatório” que estaria impresso nos indivíduos e que derreteria diante de situações catastróficas, imprevistas e dolorosas. O que se viu, naquela hecatombe, no entanto, é que não havia uma fina membrana, mas uma crosta de civilização naqueles indivíduos e povos. Representativamente enquadrados nas populações que viram de perto os horrores da guerra, podemos dizer que esta característica não se encontra limitada à ascendência ou geografia britânica ou germânica. Ela está na própria natureza dos habitantes deste planeta (e dos outros, habitados, como ensina o Espiritismo): algo universalmente humano. O que nos endereça a afirmar que: em situações agudas e graves, como as catástrofes e as guerras, isto faz aflorar o que há de melhor nos indivíduos...

Assim, é possível entender que nestas graves circunstâncias da ambiência planetária se sobressai a essência maior, espiritual, que há em todos nós, irmãos em Humanidade, e que teria sido traduzida pelas inteligências invisíveis em resposta a Kardec: “[...] os bons são tímidos. Quando



estes o quiserem, preponderarão” (Kardec, 2022a, it. 932).

Os bons não precisam ser aqueles que julgamos muito acima da média dos comportamentos humano-sociais; não precisam estar evidenciados em personalidades que admiramos em relação a suas biografias e feitos em prol da Humanidade; não são aqueles personagens de livros, sobretudo os que se baseiam na história real de mulheres e homens de destaque em nossa civilização. São os homens de bem, que, como também recomendou Kardec, pudessem envidar todos os esforços para domar suas más inclinações, trabalhando por seu aperfeiçoamento moral (Kardec, 2022b, cap. 17, it. 4).

Não temos dúvidas – até como pudemos ver em muitas situações durante a epidemia de Covid19 – de que a solidariedade, a fraternidade e a bondade são marcas espirituais de praticamente todos nós. E, igualmente, em situações de calamidades públicas como as enchentes, também é possível visualizar a vivência no bem, desinteressada e com consciência de auxílio e caridade. Os eventos dolorosos que assolam agrupamentos humanos guardam pertinência com a dor experimentada por cada Espírito, nas experiências

das “idas e vindas”, muitas delas gravadas em nosso psiquismo, mesmo que nossa memória não as revele de pronto, em face da premissa do esquecimento do passado.

O que nos falta, verdadeiramente, é ampliar o *status* de compromisso e interesse coletivo para os demais dias da existência, independentemente da ocorrência de eventos violentos ou catastróficos. Como se as rotinas, em realidade, pudessem simbolizar e materializar, na vivência nossa de cada dia, as oportunidades de fazer desabrochar o melhor de nossas individualidades.

Eis, aí, o desafio que se faz aos (Espíritos) bons!

////////////////////

* N.A.: Escritor e conferencista, autor de livros. Coordenador-geral do Projeto “COM Kardec”, presidente do Centro Cultural Espírita Herculano Pires e da Associação de Divulgadores do Espiritismo de Santa Catarina.

REFERÊNCIAS:

BREGMAN, Rutger. *Humanidade: uma história otimista do homem*. Trad. Claudio Carina. São Paulo: Planeta, 2021.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 11. imp. [Edição Histórica]. Brasília, DF: FEB, 2022a.

KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 16. imp. [Edição Histórica]. Brasília, DF: FEB, 2022b.

LE BON, Gustave. [2001]. *The Crowd: a study of the popular mind*. Nova Iorque: Routledge, 1995. Data da publicação original: 1896.